

# FEBRE AMARELA

emp 2.1.10.1.58

JOLUMA BRITTO

I

Na história do Brasil, mais sensível e particularmente na da cidade de Campinas, que sofreu além de outras violentas epidemias algumas de caráter menos grave, a da febre amarela, teve uma particularidade: a de ter quase totalmente destruído e derrocado a lande maravilhosa de nossos dias. Mas, isto aconteceu, ao contrário do que muita gente pensa, não somente no ano de 1899, pois que bem antes, em 1876, a doença terrível aparecera em terras campineiras, o que foi denunciado por um médico estrangeiro que aqui morava desde, mais ou menos, 1869.

Como aconteceu no relato pormenorizado que fiz da história da Sé Catedral de nossos dias, o número de documentos que citei e transcrevi em minha publicação aqui no Diário do Povo, ultrapassou à expectativa mesmo dos estudiosos da história de Campinas que, até agora, não sabem explicar a origem de tantos papéis que apresentei. O mesmo aconteceu com a redação da História da Febre Amarela em Campinas, escrita em dois volumes e citada em alguns outros, com pormenores que já não mais podem ser reconstituídos, a não ser com os documentos que possuo em meu arquivo. Meu desvalioso trabalho, embora exaltado por um dos maiores historiadores do Brasil e que foi Gustavo Barroso, também mereceu a citação do atual presidente do Instituto de Geografia e História Brasileiro, sr. Pedro Calmon.

Além da elogiosa carta que recebi do atual presidente do cenáculo nacional, fundado que foi por D. Pedro II, em 1838, e cujo sesquicentário de nascimento ocorreu em 2 de dezembro do ano próximo findo, comemorado brilhantemente pela sociedade brasileira, até com a presença do sr. Presidente da República, e em cuja comemoração tive um trabalho aprovado e apreciado por uma comissão respectiva e promotora do grandioso evento. Há questão de dias, em plenário do Instituto, tive ocasião de receber homenagem que muito me desvaneceu, saudado que fui pelo professor Nelson Omegna, cujas qualidades de escritor e historiador não precisam ser por mim exaltadas, antigo redator e atual colaborador da brilhante folha fundada pelo saudoso Alvaro Ribeiro.

Nessa sessão, a que esteve presente o sr. Marcelo Caetano, aliás o segundo ex-ditador que conheci pessoalmente, tendo sido o outro o saudoso Juan D. Peron, possuo uma cópia da ata respectiva em que consta, que dada a palavra ao ex-redator do Correio Popular, o sr. Pedro Calmon disse o seguinte:

“O sr. Presidente Pedro Calmon, secundando os elogios que lhe fez Nelson Omegna, cita o verdadeiro nome — João Baptista de Sá, literariamente Jolumá Brito, declarando-se bem informado sobre a sua obra, LEMBRANDO QUE CAMPINAS É DAS CIDADES BRASILEIRAS MAIS BEM ESTUDADAS, destacando a História Municipal, manifestando a sua alegria por tê-lo presente a esta reunião.”

Claro é que isto nada tem a ver com a história da febre

amarela em Campinas que, conforme assinalai, foi descrita em dois volumes, nos 23.o e 24.o, além de outras anotações. Quando entreguei em mãos do sr. Afonso de Excragnolle Taunay o primeiro volume de meu trabalho sobre a lande campineira, apresentei-lhe um esquema sobre o desenvolvimento daquela epidemia em nossa cidade. E Taunay, todos o sabemos, foi um dos maiores senão o maior historiador da América Latina, assim proclamado pelos que o conheceram, pessoalmente ou através de seus livros.

Dias depois escreveu-me esse mestre, cujo centenário de nascimento ocorre em 11 do corrente, uma carta em que agradece a oferta do primeiro volume de minha história, obra que enaltece, em sua missiva de 22 de agosto de 1956.

Nela, o filho do Visconde Alfredo, nascido no atual Palácio do Governo de Santa Catarina, em 11 de julho, antigo professor que reorganizou e dirigiu o Museu Paulista implantando ainda o Museu Republicano de Itu, diz, dentre outras coisas referindo-se ao esquema que lhe apresentara sobre a febre amarela:

TOMO A LIBERDADE DE LHE FAZER UMA SUGESTÃO: DISTRIBUIR A MATERIA EM CAPÍTULOS, DE 10 OU 15 PAGINAS, diminuindo a complexidade de tão extenso original, que se tornará menos fatigante ao leitor.”

E agradeceu a valiosa dádiva, etc., etc., tecendo palavras de ensômio respeito ao primeiro volume que lhe havia deixado em suas mãos. Depois disso, encontrei mestre Afonso de Excragnolle Taunay mais duas ou três vezes em sua residência, em São Paulo, onde pouco depois falecia. Lamentavelmente.

Pois é essa mesma história que vou começar a transcrever de meus livros, para os leitores do Diário do Povo que tanto solicitaram a publicação desse meu trabalho, tal como o fizeram com a História da Catedral.

Dificilmente, acredito, possam ser reencontrados os documentos, além de livros publicados por médicos, na época da febre amarela, quando retornou ela com redobrado furor sobre Campinas, em 1889, ano em que muita gente acredita ter aparecido na cidade — pela primeira vez.

E isto eu escrevo porque esses documentos foram destruídos pela ação do tempo, tanto nos jornais que existiam em arquivos do século passado, como também, desapareceram atirados como lixo na vala comum das coisas inúteis.

Mas, penso que com este meu trabalho estou pagando o título de cidadão campineiro que a Câmara Municipal de Campinas, generosamente, me outorgou há alguns anos, o que faço com toda humildade e meu carinho que vêm nesse pergaminho, algum bem que fiz em minha vida. Ele honra os muros quase nus de meu escritório, cujas paredes frias contam as madrugadas de silêncio em que construí a história da cidade. E este meu trabalho, na afirmação do grande jornalista que é Vitório Martorelli, vale pelo que toda uma equipe de vinte homens. E para que maior honra?

Diário do Povo - 3-VII-1976